

Crítica // Tempo de guerra ★★

A partir de experiências reais do codiretor Ray Mendoza, o cineasta Alex Garland volta as lentes para a Guerra no Iraque

Ricardo Daehn

Quem assistiu ao tecnicamente vibrante *Falcão Negro em perigo* (2001) tem uma ideia da promessa de acabamento do mais novo filme do inglês Alex Garland (de *Ex machina* e *Guerra civil*). Na trama, altamente baseada em memórias de Seals americanos (ultratreinados), está em jogo uma missão de espionar e sondar ações suspeitas ocorridas no Iraque de 2006. Em certa medida, prepondera o olhar de Ray (D'Pharaoh Woon-A-Tai, de *Reservation dogs*). Ele dá vida, num cenário intenso, ao personagem do coautor do filme, Ray Mendoza, que teve a experiência real de ter estado em combate.

Numa operação de complexidade elevada (retratada), o roteiro se mostra falho ao não desenvolver qualidades e não apresentar espaço para apresentação de características de cada personagem. Muito parece jogado e sem ordenação. E em cena está um elenco numeroso, com participações de Will Poulter, no papel de Erik; Joseph Quinn (o futuro *Tocha Humana* dos cinemas), na pele de Sam; Cosmo Jarvis (visto em *The Alto Knights*), como o destemido Elliott e Charles Melton (Jake), além do brasileiro Henrique Zaga encarando o papel de Aaron.

Imperfeito (além do filme)

# UM AGRESSIVO ESTUDO DE TERRENO



Tempo de guerra (warfare)



Tempo de guerra: complexas estratégias de evacuação

é o destino do grupo de militares destacado para atacar jihadistas, com uma desnorreado missão ao efetivarem incursão no meio civil. O início do filme é de marasmo colossal, com personagens indistintos, sem nada de explicação, contrapondo informações de

localizações. No vasculhar com aparatos aéreos, o espectador terá a percepção de como não há comodidade na vidas dos militares em campo. Num dado momento, entretanto, a localização dos combatentes se dará pela identificação de “fumaça e sangue”.

No flanco da ação — descolada da gramática de Hollywood —, tanques chegam a recuar, há impressionante demonstração de força (por meio aéreo) e ainda as consequências de uma granada lançada junto aos norte-americanos.

Lembrado pela cooperação em fitas como *Jogos vorazes* (2023) e *É assim que acaba* (2024), David J. Thompson faz marcante estreia como diretor de fotografia, enquanto a editora Fin Oates (de *How to have sex*) não pode ser culpada pelo sentido de desordem do espectador.

Restos de corpos largados, rostos borrados, solavancos de imagem, e a perfeita captação dos sentidos diferenciados dos personagens, frente a vísceras de companheiros expostas e à perda da consciência corporal, atingem o público — e é fato. Personagens com pernas trituradas, homens desacordados de dor e estratégias confusas de remoção e evacuação (mais do que tipos em combate) chamam a atenção no filme em que um dos destaques é Taylor John Smith, na pele de Frank, “o cowboy”.